

Informe JB

O acordo da dívida externa foi considerado no Palácio do Planalto o acontecimento mais importante do governo Collor, depois da posse em 15 de março de 1990.

O presidente, há uma semana considerado no chão, deu uma virada como se fosse o personagem *Indiana Jones* que o presidente Bush um dia viu nele.

Primeiro, foi à televisão. Obteve aprovação de 70% da opinião pública, segundo o Ibope. E passou a ocupar espaço com mensagens em camiseta e bilhetinhos, atacando imaginários golpistas.

Se tivesse sido planejado em todos os detalhes não sairia tão perfeito o plano de salvação do mandato de Collor.

Espalhou-se que a Receita Federal faria devassa no Imposto de Renda de deputados e senadores da CPI do PC. O Congresso ficou três dias em pânico.

Os três principais líderes da oposição foram atacados. Tasso Jereissati (PSDB) e Orestes Quércia (PMDB) sofreram ameaça de devassa em suas empresas. Lembrou-se que Lula (PT) também recebeu doação de empresários para sua campanha eleitoral.

O maior empresário do país, Antônio Ermírio de Moraes, passou pelo constrangimento de ir à Polícia prestar depoimento sobre doações feitas a PC Farias na campanha presidencial de 1989.

O governo correu e transformou um jantar de empresários paulistas numa grande manifestação de apoio às políticas do presidente Collor.

Ontem, foi fechado o acordo da dívida com os bancos credores.

Concretamente, um governo que contabilizava apenas a felicidade de não ter contra si as baterias demolidoras de Leonel Brizola e Antônio Carlos Magalhães passou a ser protegido também pelo grande empresariado paulista, pela comunidade financeira internacional e pela maioria silenciosa que só fala quando o presidente aparece na televisão.

Mudou tanto o Brasil que até o Flamengo vai para a final do Campeonato Brasileiro.

Mudará mais ainda quando os corruptos forem para a cadeia.